



ARTIGOS GERAIS

O impacto do Concílio de Jâmnia (75-80 E.C.) na relação entre judaísmo rabínico e “cristianismo” primitivo, com enfoque na *Birkat ha-Minim* e no conceito de *Minim*

The Impact of the Council of Jamnia (75-80 C.E.) on the Relationship between Rabbinic Judaism and Early “Christianity”, with a Focus on Birkat ha-Minim and the Concept of Minim

Cleverton Duarte Epormucena *

RESUMO: O Concílio de Jâmnia, tradicionalmente visto como um marco na reorganização do judaísmo pós-destruição do segundo Templo, tem sido frequentemente associado à introdução da *Birkat ha-Minim* “Bênção sobre os hereges” como um mecanismo que visou excluir cristãos das sinagogas. Pesquisas recentes questionam essa narrativa. Embora alguns estudiosos defendam que a bênção representou uma medida deliberada contra os seguidores de Jesus, outros acadêmicos contemporâneos argumentam que o termo “*minim*” tinha um significado muito mais amplo. Já no que diz respeito à separação entre judaísmo e cristianismo, foi um processo complexo, influenciado por vários fatores teológicos e políticos, como as revoltas judaicas e as construções identitárias mútuas. Algumas referências no evangelho de João sobre a exclusão das sinagogas refletem tensões locais, não uma política universal. A ruptura definitiva foi consolidada muito depois do período de Jâmnia. Portanto, embora esse concílio tenha sido importante na reorganização do judaísmo

* Pesquisador autônomo, Curitiba, Paraná, Brasil.

¹ Neste artigo, distingue-se entre “expulsões” referindo-se a ocorrências locais e pontuais de exclusão de indivíduos em determinadas sinagogas, geralmente com caráter corretivo e possibilidade de readmissão e “expulsão”, entendida como a hipótese de uma única e definitiva exclusão geral dos seguidores de Jesus das sinagogas, sem possibilidade de retorno.

rabínico, a ideia de que ele decretou uma “expulsão”¹ formal dos cristãos carece de fundamentação histórica sólida.

PALAVRAS-CHAVE: Jâmnia. *Minim*. Sinagogas. *Birkat ha-Minim*. Ruptura.

ABSTRACT: The Council of Jamnia, traditionally seen as a milestone in the reorganization of Judaism after the destruction of the Second Temple, has often been associated with the introduction of the *Birkat ha-Minim* “Blessing on Heretics” as a mechanism aimed at excluding Christians from synagogues. Recent research questions this narrative. Although some scholars argue that the blessing represented a deliberate measure against the followers of Jesus, other contemporary scholars argue that the term “*minim*” had a much broader meaning. As for the separation between Judaism and Christianity, it was a complex process, influenced by various theological and political factors, such as the Jewish revolts, and mutual identity constructions. Some references in John’s gospel to exclusion from the synagogues reflect local tensions, not a universal policy. The definitive break would be consolidated long after the period of Jamnia. Therefore, although this council was important in the reorganization of rabbinic Judaism, the idea that it decreed a formal expulsion of Christians lacks a solid historical foundation.

KEYWORDS: Yamnia. *Minim*. Synagogues. *Birkat ha-Minim*. Rupture.

Introdução

O presente estudo parte de uma questão historiográfica e exegética que, nas últimas décadas, vem sendo amplamente revisitada pela pesquisa contemporânea: a natureza e o alcance da separação entre o judaísmo rabínico e o movimento de Jesus nas décadas posteriores à destruição do Segundo Templo. Tradicionalmente, a chamada “ruptura entre sinagoga e Igreja” foi descrita como um evento repentino e traumático, supostamente formalizado no chamado Concílio de Jâmnia 75-80 E.C e marcado pela criação de uma bênção litúrgica, a *Birkat ha-Minim*, destinada a expulsar os cristãos das sinagogas. Essa leitura, amplamente difundida perpetuada em boa parte da literatura cristã e judaica dos séculos XIX e XX, construiu uma narrativa linear e institucional da separação entre as duas tradições.

Entretanto, novas pesquisas têm questionado os fundamentos dessa interpretação clássica. Estudos filológicos, arqueológicos e histórico-sociológicos recentes indicam que o Concílio de Jâmnia nunca existiu como assembleia formal, mas constitui antes um símbolo retrospectivo criado pela tradição para representar a reorganização rabínica após 70 E.C., isso será atestado por (Cohen, 2014; Schäfer, 2011). Do mesmo modo, a *Birkat ha-Minim*, cuja formulação definitiva é posterior ao século I, não pode ser entendida como instrumento institucional de exclusão dos cristãos, uma vez que o termo *minim* designava originalmente dissidentes internos do judaísmo, e não necessariamente os *Notzrim* seguidores de Jesus.

O termo *minim*, cuja raiz hebraica sugere diversidade, era empregado de modo amplo para designar grupos heterodoxos no interior do judaísmo, desde saduceus e essênios até gnósticos e judeus helenizados, adquirindo conotações variadas ao longo do século I e II E.C.

O ponto de partida desta pesquisa, portanto, é a necessidade de reavaliar, à luz dessas novas evidências, se a separação entre judaísmo e cristianismo primitivo foi realmente um processo de ruptura litúrgica e disciplinar, como a tradição historiográfica sustentou, ou se se tratou de um movimento lento, difuso e não traumático, refletindo dinâmicas locais e tensões identitárias no interior das comunidades judaicas. A novidade do presente estudo reside em demonstrar que o discurso de expulsão não corresponde a um evento histórico generalizado, mas a conflitos comunitários específicos, particularmente evidenciados na narrativa do Evangelho de João, onde as expressões “expulsos da sinagoga” em Jo 9,22; 12,42; 16,2 representam uma memória literária de marginalização, e não um decreto oficial do judaísmo rabínico.

Assim, o artigo analisa, em perspectiva histórico-crítica, o paralelismo entre o desenvolvimento da *Birkat ha-Minim* e as referências joaninas à exclusão sinagoga, buscando compreender como ambas as tradições, uma litúrgica e outra narrativa, expressam a tensão de pertencimento e identidade religiosa em um período de reconstrução pós-templo. O objetivo é demonstrar que a chamada “ruptura” entre os seguidores de Jesus e o judaísmo rabínico não foi uma cisão institucional, mas um processo simbólico de diferenciação mútua, reinterpretado retrospectivamente pela literatura rabínica e cristã dos séculos seguintes, questão que está mais clara em minha tese de doutorado.

Ao propor essa releitura, o estudo contribui para o debate contemporâneo sobre o “mito de Jâmnia” e para a compreensão da formação das identidades religiosas no século I, destacando que a exclusão dos cristãos das sinagogas não pode ser compreendida fora do contexto plural, fluido e intra-judaico das primeiras décadas pós-70 E.C.²

1 O debate acadêmico sobre Jâmnia e a Birkat ha-Minim: origem e autoria da Birkat ha-Minim

Sobre o evento de Jâmnia, atualmente a maioria dos estudiosos que seguem o método histórico-crítico adota uma postura mais cautelosa em relação à importância desse “concílio”. Poucos autores defendem que essa reunião tenha tido um impacto direto na expulsão dos seguidores de Jesus

² Parte deste estudo foi apresentado em comunicação no Congresso da ANPTECRE, em 2023, e publicado em Epormucena, 2023, p. 539-545.

das sinagogas. Embora apresentem argumentos pouco convincentes, entre os que acreditam nessa influência direta estão os seguintes pesquisadores: Lohse (1975, p. 101, 210, 211); Davies (1979, p. 402-403); Rowland (1982, p. 32); Julius e Scott (1995, p. 401-402); Rubeaux (1996, p. 63, 64); Green (1997, p. 133); Dormeyer e Galindo (2007, p. 237); Bissell (2010, p. 142); Roper (2010, p. 65); Figueras (2016, p. 97-98).

Muito já se foi falado acerca do chamado “sínodo de Jâmnia” ou “*Yavne*”, como alguns preferem. Este sínodo diz respeito a uma reunião que ocorreu após a destruição de Jerusalém, por volta do ano (75-80 E.C.), na cidade de Jâmnia, atual “Tel Aviv”. Yohanan bem Zakkai, foi um dos principais personagens desse evento. Acredita-se que Zakkai foi quem recebeu a permissão do Império Romano para abrir uma academia em Jâmnia e estabelecer os rabinos como guardiões e legisladores da Torá. Enquanto Zakai fundou a academia de Jâmnia após o ano 70 E.C., acredita-se que a oração contra os hereges foi provavelmente cunhada por Gamaliel II, por volta do ano 80 E.C. Corrobora Penna (1991, p. 52, 318).

É interessante observar que o Talmud Babilônico Bavli, atribui a autoria da bênção sobre o *minim* a Samuel, o Pequeno, coisa que o Talmud de Jerusalém não faz. “Rabban Gamaliel perguntou aos sábios: Há alguém que saiba como redigir a bênção relativa aos Minim? Samuel, o Pequeno, levantou-se e a redigiu” (Cohen, 2014, p. 251). Os autores citados acima concordam que a bênção foi estabelecida em *Yavne*, sendo formulada a pedido específico de Rabban Gamaliel II. Corrobora com essa opinião Cohen (2014, p. 251).

Também é digno de observar que a *Mishnáh* atribui o termo *minim* a judeus idólatras ou aos chamados “*epikóros*”³, ou seja, judeus heréticos que negam a Torá e o conceito de profecia. São todos que cometem transgressões contra os ensinamentos da Torá visando irritar a Deus (La Mishneh Toráh, Capítulo 4, Halachá 10, p. 495-496).

1.1 A compilação da tradição oral e escrita: a reorganização do judaísmo pós-Templo destruído

Sabe-se que estes ensinamentos, que até então eram transmitidos oralmente, adquiriram sua forma escrita aproximadamente só por volta do ano 200, com a elaboração da *Mishnáh*. Baseado nessa obra foi elaborado um comentário que chamaram de *Gemarah*. Nessa época, o responsável pela redação foi o rabino Judá ben-Nasi ou Yehudah há-Nasi. Por volta do ano 500, surge o Talmud, que nada mais é que a união dessas duas obras, *Mishnáh* e *Gemarah* (Hale, 1983, p. 17).

³ É considerado um “*epikóros*”, um judeu negligente em observar a lei judaica ou que não acredita no judaísmo, um Cético, Ateu.

Foi somente no ano 70 E.C., que muitos rabinos se uniram à ordem farisaica de Hillel a fim de formar uma nova comunidade em torno da Torá. Desde então essa ordem iria ser conhecida pelo termo de “judaísmo formativo”, que dizia respeito a uma nova reformulação da religião e das práticas judaicas baseadas na ordem do sábio Hillel que viveu entre os anos 110 A.E.C.–10 E.C. Para Julius e Scott (1995, p. 107), a alteração da liturgia visou o acréscimo de uma das dezoito bênçãos que aconteceu antes do final do século I.

A ideia é que após a guerra do ano 70 E.C., e com a destruição do templo de Jerusalém, alguns da elite judaica, incluindo “os fariseus”, migraram para a cidade de Jâmnia onde se reuniram em volta da Lei. A partir de então iniciou-se um árduo trabalho que visou rever e organizar a escrita da tradição dos pais.

É provável que uma das pautas reformuladas neste sínodo tenha sido a Shmoneh Esreh ou as dezoito bênçãos, que acabou se tornando dezenove bênçãos. Porém, essa reformulação se concentrou na décima segunda bênção, ou a bênção sobre os hereges, também conhecida como o “הַמִּינִים בִּרְכָּתָהּ – *hammynym birkkat*”. Esta bênção, que, na verdade, já existia, não foi uma novidade da época, e sim se tratava de uma nova emenda sobre leis antigas, ou seja, já existentes, que foi sobreposta na décima segunda bênção. Corroboram (Fabris; Maggioni, 1992, p. 265).

2 A controvérsia sobre o alcance da Birkat ha-Minim

Como dito há pouco, o grau de importância da *Birkat ha-Minim* vem sendo questionado por muitos teólogos da área mais crítica da bíblica. Enquanto alguns autores como, por exemplo, Lohse (1975, p. 101), Richard (2009, p. 100-101), Aune (2010, p. 305) e Vitória (2019, p. 8), percebem na décima segunda “benção” uma ligação direta com a expulsão, final das sinagogas. Já outros, como, por exemplo, Moloney (2005), pressupõem que esse evento não teve tamanho poder de decisão final na perseguição contra os cristãos. Moloney observa na expulsão das sinagogas uma prática localizada, e não há nada que comprove uma ligação direta da *birkkat hammynym* com a expulsão das sinagogas (Moloney, 2005, p. 434).

Doole (2020) corrobora dizendo que é improvável que tenha havido uma expulsão formal durante o ministério de Jesus (Doole, 2020, p. 2,5,7).

Donaldson (2010) concorda que a bênção da *Birkat ha-Minim*, não sugere nenhuma iniciativa generalizada, dirigida especificamente contra os “cristãos judeus”, que tenha levado a uma expulsão. O que houve, na verdade, foi um conflito local, envolvendo uma comunidade específica de discípulos de Jesus, não um conflito generalizado (Donaldson, 2010, p. 105).

Theissen (2002) afirma que a maldição não foi dirigida unicamente a cristãos, mas sim de modo geral, foi direcionada contra todos os hereges e contra todos os que não praticavam fielmente a lei mosaica. Quando foi dirigida a cristãos, não englobou a todos dos movimentos de Jesus, e sim incluiu somente grupos de resistência partidários de Jesus (Theissen, 2002, p. 138-139). É o que aponta Etcheverría (2001), o qual relata que a maldição não se referiu exclusivamente aos judeus desviados ou a judeus cristãos, porém os incluiu. Se referia, sim, a toda forma de judaísmo que não fosse segundo as normas do rabinismo reformulado em Jâmnia (Etcheverría, 2001, p. 464).

3 A natureza dos minim e sua relação com os cristãos

Stanton (1992) argumenta não haver evidências suficientes para afirmar que a *Birkat ha-Minim* tenha sido um fator decisivo na separação entre o judaísmo e os seguidores de Jesus, seja no contexto do Evangelho de Mateus ou de João. Ele destaca que as datas são incertas e não há como comprovar se a maldição foi aplicada de forma imediata e universal.

Além disso, Stanton Doole (2020) ressalta que não existem provas históricas no Evangelho de Mateus que indiquem que os líderes judeus tenham promovido uma expulsão sistemática dos cristãos das sinagogas. Ele sugere que a *Birkat ha-Minim* pode ter tido pouca influência no processo de separação, uma vez que a assembleia de Jâmnia tinha questões mais urgentes a resolver.

Por fim, o autor observa que a maldição não era dirigida exclusivamente aos cristãos, mas sim a diversos grupos considerados heréticos, incluindo judeus dissidentes. Não há registros de uma oração específica contra os cristãos, enfraquecendo a tese de que a *Birkat ha-Minim* tenha sido um instrumento direto de exclusão do movimento de Jesus das sinagogas (Stanton, 1992, p. 142-144, 281).

Para Rosik (2023) a *Birkat ha-Minim* é usada para descrever uma série de leis e decisões emitidas pelos professores de Jâmnia. À luz das fontes, portanto, não é possível dizer se ocorreu em Jâmnia um evento que pudesse ser chamado de concílio (Rosik, 2023, p. 3).

É jus destacar o que afirma Rodríguez Carmona (1992) o qual aponta que os judeus de Jâmnia não desejavam a guerra, pois eram um grupo moderado e inimigos de posturas violentas contra Roma. Seu objetivo era reconquistar novamente um estado independente para o povo judeu voltar a ser uma comunidade religiosa e política liberta (Rodríguez Carmona, 2001, p. 192). As afirmativas do referido autor são louveis quando

se percebe que esse acordo de paz, também foi do interesse de Nerva (96-98 E.C.) e Trajano (98-117 E.C.), em vista de ser Jâmnia uma região de fronteira. Os imperadores estavam preocupados com um possível levante por parte dos partos, para tanto era bom para ambos os lados promoverem um diálogo de paz.

4 A complexidade do termo “*minim*”

Voltando a falar da reunião de Jâmnia, sabe-se que o processo de reorganização do judaísmo deve ter durado no mínimo entre os anos 70-132 E.C. Portanto, há carência de provas para saber ao certo de todos os detalhes decididos neste sínodo, e se realmente teve algum poder final de decisão contra o seguimento de Jesus. Já se argumentou, como Kieffer (2001), que a expressão *hereges* ou *minim*, foi um modo específico de apontar os seguidores do movimento de Jesus. Sobre a maldição, visou condenar os *hereges* cristãos por terem se desviado do caminho, das leis e das práticas sagradas judaicas, principalmente aqueles seguidores de Jesus descritos em Jo 9,22; 12,42 e 16,2 (Kieffer, 2001, p. 211-212).

Esta afirmação apontada por Kieffer (2001) de que “*hereges*” diziam respeito especificamente de cristãos, é um tanto generalizada, pois a *Mishnáh* nada diz sobre a *Birkat ha-Minim*. Já o *Tosefta* possui somente uma referência direta acerca deste evento. Estas duas obras não especificam quem eram os *minim*, pois apresentava uma gama de seguimentos considerados heréticos diante do judaísmo de Jâmnia e não se referia necessariamente a cristãos. Perceba que no *Tosefta*, os *minim* de modo geral devem ser considerados separatistas ou *perushim* do verbo “פרש-*parash*”, que significa “separar” ou “cortar”, possivelmente da mesma raiz da expressão “פרושי-*P^rushiy*–fariseu”.

É oportuno abrir um leque ao que expressa Cohen (2014), onde o autor destaca que havia alguns emparelhamentos, nos quais na *Shmoneh Esreh*, os prosélitos são comparados aos anciãos, e o rei Davi comparado com Jerusalém na bênção que reconstrói essa cidade. Estas comparações, postas lado a lado, tiveram o objetivo de que o número máximo de temas pudesse ser tratado sem que ultrapassasse o limite máximo permitido, que era apenas dezoito bênçãos. Para o autor, quase tudo nestas histórias é fantasioso e isto é uma visão clara de que estes temas são emendas generalizadas de uma bênção já existente, e não uma novidade específica a partir de um grupo definida em Jâmnia (Cohen, 2014, p. 249-250).

Houve outro movimento que provavelmente também esteve no grupo dos considerados “*minim*”, são os ebionitas convertidos a Jesus, que conforme supõe Ehrman (1993), eram judeus cristãos que possuíam visões separatistas, costumes que aderiram dos cristãos gnósticos. Estes adotaram

a cristologia adocionista em sua transição, pois ambos os grupos haviam adotado as ideias filosóficas dos gnósticos (Ehrman, 1993, p. 119). Concorro com Ehrman (1993) de que os ebionitas possuíam visões separativas aderidas dos seguidores de Jesus gnósticos e adocionista, exceto que esse grupo foi formado somente de judeus.

Dunn (1992) pensa que a questão da maldição contra os hereges, foi utilizada somente por um grupo mais radical dentre as autoridades do judaísmo oficial. Esse método de amaldiçoar era apenas uma espécie de fórmula para detectar especificamente “judeus cristãos”. O autor acredita que a maioria dos rabinos pós-ano 70 E.C., não se utilizou da mesma prática imposta através da minoria do grupo mais conservador. Mas sim, instituíram uma nova ortodoxia, pois sabiam que os seguidores e de Jesus, não concordariam em seguir as novas regras instituídas em Jâmnia, então a expulsão seria inevitável (Dunn, 1992, p. 11).

Parkes (1961, p. 79) segue a mesma linha de pensamento, porém aponta haver uma possibilidade de que esta bênção foi uma forma de detectá-los no meio da comunidade sinagoga. A ideia é que ao pronunciar toda a sinagoga a *Birkat ha-Minim*, os cristãos omitiriam a parte que os condenava. Acrescenta-se aqui que “detectar” não indica necessariamente que receberiam “maus tratos físicos”, e sim que, ao saberem quem era um dos *minim*, poderiam então ser evitados, pois comungar com um dos “*minim*” era algo impossível na visão do judaísmo formativo.

Na contramão de Parkes (1961), para Cohen (2014), mesmo que a bênção visasse o desmascaramento dos hereges, não é possível saber seu grau de efeito sobre os *minim*, portanto, não há certeza de que seu propósito visasse revelá-los nas sinagogas. Para o autor, possivelmente a bênção contra os *minim*, mais tarde também incluiu cristãos e outros grupos religiosos. No entanto, o *Tosefta* usa o mesmo rótulo para os demais hereges não cristãos. Portanto, não há evidências adicionais de que a maldição visou apontar especificamente para cristãos, a conexão cristã é apenas uma possibilidade e nada mais.

O autor ainda acrescenta que os cristãos *minim* do qual fala o *Tosefta*, confirma o que foi dito há pouco por Dunn (1992), de que o termo *minim* não se tratava de modo específico de judeus cristãos, pois a *birkkat hammynym* nada diz sobre os cristãos gentios ou o cristianismo (sic) em geral. Para tanto, é improvável que a bênção tenha a ver com a afirmação de Justino, o Mártir, onde destaca que os judeus amaldiçoavam diariamente a Cristo e seus seguidores em suas sinagogas (Cohen, 2014, p. 252).

Saldarini (1988, p. 224) propõe que, ao menos em um período inicial, esta maldição foi originalmente citada somente contra os separatistas. Seriam os cristãos da alta cristologia? Ao menos é o que o autor intenta

afirmar. Concordando, Horbury (1998, p. 93) propõe que o grupo excluído também foi conhecido através do termo *minim*. No Talmud, os *minim* estavam associados especificamente aos separatistas, aos ímpios e pecadores. No *Tefillah*, é abordada uma visão mais universal na qual estão incluídos tanto os *minim* quanto o Israel pecador.

Conforme Cohen (2014), a bênção sobre os *minim*, deveria ser combinada com a bênção direcionada aos separatistas. O autor observa que, se um líder de oração omitisse qualquer uma das dezoito bênçãos, ele não seria obrigado a recitá-las novamente em seu devido lugar, a menos que pulasse uma das três bênçãos principais, então deveria recitá-las. Cohen (2014) aponta que se um líder não tornasse a recitar, então seria suspeito de que fosse um *minim*.

As três bênçãos que não poderiam ser puladas segundo a *Mishnáh* são: a bênção de “quem revive os mortos”. Sobre “quem derruba os arrogantes” e de “quem reconstrói Jerusalém”. A primeira, acerca da omissão da bênção “que revive os mortos”, levantava naturalmente suspeitas de incredulidade na ressurreição dos mortos. Ora, se a maldição foi voltada para os que não acreditavam na ressurreição, então os saduceus também estavam incluídos entre os *minim* (Mc 12,18; Mt 22,23; Lc 20,27; At 23,6-8).

Segunda: a omissão da bênção que abate os soberbos, levantava naturalmente a suspeitas de serem um dos *minim*, porque a bênção clama pela destruição de separatistas e *minim* arrogantes. E a terceira: a omissão da bênção que reconstrói Jerusalém, levantava naturalmente a suspeita de descrença no Messias Davídico. Samuel, o Pequeno, certa vez, enquanto liderava as orações, omitiu a bênção “que abate o arrogante”, mas não foi compelido a voltar porque ninguém suspeitava de que ele fosse um dos *minim* (Cohen, 2014, p. 251).

Sabendo que os seguidores de Jesus acreditavam na ressurreição dos mortos, cabe aqui a seguinte problemática: se os *minim* são especificamente discípulos de Jesus, então por que omitiriam a afirmação acerca de quem “revive os mortos”? A resposta está clara; é porque os “*minim*” não consideravam apenas de um grupo ou de um movimento específico. Eles são, na verdade, uma variedade de segmentos religiosos sincréticos que estavam abrigados ou não na sombra das sinagogas. Os *minim* cristãos, é apenas um grupo dentre muitos outros existentes na época, considerados hereges na visão do judaísmo oficial de Jâmnia.

É o que atesta Cohen (2014) apontando que o termo *minim*, parece ter sido uma sacola ou um apanhado para indicar várias pessoas e grupos que mantinham crenças e práticas que os rabinos não aprovavam. É provável que se referiu a um conglomerado de grupos sincréticos dentro ou fora do judaísmo. Observe que na *Mishnáh* se conhecem somente as

categorias “min”, “*minim*” e “minut”, mas não a frase *Birkat ha-Minim*, atestado pela primeira vez somente no *Tosefta*⁴, e inclui judeus cristãos. Porém, a categoria é mais ampla do que apenas um judeu cristão. Saliência que a *Birkat ha-Minim* teve pouco ou nada a ver com a separação da comunidade judaica e cristã (Cohen, 2014, p. 258). Conforme defende Schäfer (2007, p. 4).

Para Trevijano (2001) e Danby (1919) a expressão *minim* também não se restringiu necessariamente a cristãos e sim abrangeu a todos os segmentos religiosos que não pertencessem ao judaísmo rabínico. Quando se queria proferir a maldição especificamente contra o judeu-cristão, a palavra utilizada era *Notzriym*, ou seja, “nazarenos” e não *minim* (Trevijano, 2001, p. 464; Danby, 1919, p. 81).

Já Figueras (2016) concorda acrescentando que os *minim*, realmente foi uma classe de pessoas que visava apontar a todos os judeus hereges, incluindo cristãos, cristãos gnósticos e essênios gnósticos. Acerca dos *Notzriym*, abrangeu especificamente a judeus cristãos, porém somente em um período inicial. Foi somente com o tempo que esse termo passou a abranger os seguidores de Jesus de modo geral (Figueras, 2016, p. 97).

Acerca da frase “Jesus, o nazareno” a teologia tradicional propõe que a expressão “nazareno”, da raiz de “נָצַר–*natz’r*– ou *Natzor*”, significando guardar, cuidar, sitiar, significando uma sentinela ou um vigia do conhecimento, tem sua fundamentação profética em Is 11,1. É proposto que o Jesus dos evangelhos é o cumprimento da mensagem de Isaías, pois se relata que sairia do “rebento” que em hebraico é “נֶצֶר–*netzer*”, ou seja, “descendente”, apontando para Jesus de Nazaré⁵.

Acredita-se que tenha havido um movimento profético com esse nome que se iniciou por volta da época do profeta Jeremias, porém só floresceu na época do reinado da rainha asmoniana Alexandra Helena Salomé (140-67 A.E.C.), entre os apoiadores helenizados de Roma na Judeia. Os autores citados anteriormente por pensar que “נָצַר ” seja um termo de origem gnóstica e que pertenceu aos essênios de antes do primeiro século.

É aqui que entra a figura de Yesu ben Pantera (100-76 A.E.C.), esse foi um *Notzriym* ou um nazareno que possivelmente fez parte do seguimento

⁴ *Tosefta* significa “suplemento” ou “adição” em aramaico, e corresponde à compilação da Lei oral judaica, cerca do ano 200 E.C. Conferir em: Babylonian Talmud. Rodkinson, Michael L. Synopsis of Subjects of Tract Hagiga. Original Tert edited, corrected, formulated, and translated into English. Tract Megilla. Tracts Taanith, Megilla, and Ebel Rabbathi or Semáhoth. Volume I and II. Original Tert, Edited, corrected, formulated, end translated into English. Boston: The Talmud Society, 1918.

⁵ Hatzamri, Abraham; Hatzamari, Shoshana More. Dicionário Português-Hebraico e Hebraico-Português. 3.ed. Sêfer: São Paulo, 2004, p. 228.

essênio. Eles acreditavam em milagres e praticavam diversas curas pelas mãos utilizando ervas e argilas, semelhantes ao que Jesus dos evangelhos praticava. Jo 9,6. Não concordavam com a propriedade privada e eram vegetarianos. Se o Jesus dos evangelhos foi um vegetariano, talvez não, pois em Lc 24,42.43 se relata que ele comeu carne.

Ehrman (1993) salienta que os gnósticos aderiram a uma cristologia separacionista, e em alguns pontos concordavam com o movimento adocionista. Eles afirmavam que o batismo de Jesus foi o momento cristológico por excelência. Foi no batismo que o Cristo entrou em Jesus, capacitando-o para realizar seu ministério terreno. É nesta ocasião que Jesus recebe em si o Cristo celestial, o qual permaneceu até sua paixão. Para o autor, por vezes, nas fontes patrísticas, adocionistas e ebionitas gnósticos, são confundidos justamente por serem caracterizados como separatistas (Ehrman, 1993, p. 106, 275).

A *Birkat ha-Minim* não cita nomes de grupos específicos que deveriam ser incluídos na lista de amaldiçoados. Se pudesse reunir todas as categorias nomeadas no *Tosefta* e no *Yerushalmi*, é provável que a referida lista seria formada por separatistas ou *perushim*, os pecadores *posh'im*, arrogantes *zedim*, e os *minim*. Cohen (2014) propõe que essas categorias amplas pareçam referir-se a classes de pessoas, não a grupos específicos (Cohen, 2014, p. 251-252).

Os judeus oficiais de Jâmnia, de início e sem a necessidade de defini-los, tiveram a intenção de incluir somente os judeus cristãos da segunda geração na categoria de *minim*, isto após o ano 70-80 E.C. Porém, a *Mishnáh* realmente não teve um menor interesse em detalhar quem foram estes *minim*. Da mesma forma que alguns autores citados anteriormente, Cohen (2014) percebe que a *Mishnáh* aponta os *minim* como um lote variado de seguimentos religiosos e não necessariamente de cristãos. Estes *minim* são caracterizados por seus erros teológicos e práticas ritualísticas incompatíveis com a normatividade do rabinismo do primeiro e do segundo séculos.

Vale ressaltar que a *Birkat ha-Minim* não é mencionada fora da terra de Israel e da Babilônia. No final do século IV, apenas dois escritores da igreja, ativos na Palestina bizantina, ou seja, Epifânio e Jerônimo, referem-se a *Birkat ha-Minim*. Corroborar Cohen (2014, p. 253). A única referência na *Mishnáh* onde os *minim* são apontados direto como cristãos é um acréscimo do século IV, onde relata que o império romano se converteu ao cristianismo, e acabou se tornando na visão judaica um *minim*. Já no *Toseftah*, há apenas duas referências diretas em que apontam cristãos judeus como *minim* e uma terceira passagem que provavelmente se aplica a eles. Confirma Cohen (2014, p. 241-242).

5 Quem realmente eram os *minim*?

Do que foi relatado, ficamos com o que se referiu Neusner e Chilton (2007) acerca da comunidade joanina. Os autores relatam ser provável que esta oração contra os *minim* possa nunca ter existido, principalmente da forma que se aplica a cristãos, pois a maldição demonstra muitas incongruências na questão das datas com a redação original. De modo geral, é provável que a maldição nunca visou ser uma ferramenta com objetivo principal de expulsão contra os grupos de *minim* dissidentes das sinagogas. A história nem esclarece quem realmente foram, na verdade, estes *minim*. Por vezes nos textos rabínicos os *minim* parecem ser cristãos judeus, outras vezes cristãos de modo geral, confirmando a ideia apresentada neste trabalho, onde é provável que o sentido de *minim* tenha um significado muito amplo e quase indefinido.

Neusner e Chilton (2007) observam que no Talmud babilônico os *minim* surgem como seguimentos que não acreditavam no mundo vindouro e na ressurreição dos mortos. Com isso se deduz que uma parte deles não foram seguidores de Jesus, os quais acreditavam no mundo vindouro e na ressurreição dos mortos. Entendem que os rabinos de Jâmnia não estavam interessados em definir quem eram os *minim*. Não há sequer uma lista específica definitiva padronizada para caracterizá-los, pelo contrário, a lista é tão ampla que é impossível que somente os cristãos se encaixassem nela (Neusner; Chilton, 2007, p. 141).

Schäfer (2007) é da mesma opinião e percebe que na *Mishnáh* há uma lista de grupos religiosos indesejáveis, os quais não teriam parte no mundo vindouro, pois se tratava de movimentos que não acreditavam na ressurreição, na origem celestial da Torá, são os chamados *epikoros*-hegeres. O rabino Aqyva Ben Yosef (± 50-135 E.C.), mais simplificadaamente Akiva, aponta duas categorias de hereges, ou seja, um grupo que lia livros não canônicos e outro grupo que supostamente fazia milagres sussurrando sobre uma ferida.

Na *Mishnáh*, um professor rabino chamado Abba Shaul, inclui outro grupo que proclama o nome divino exatamente como está escrito. Provavelmente, a *Mishnáh* não visou apontar que estes hereges são judeus da religião oficial rabínica, e sim um apanhado de grupos hereges chamados de *minim*. Segundo o autor, os *minim* não são considerados pertencentes a todo o Israel. De acordo com Akiva, o grupo que sussurra sobre uma ferida, não é um judeu comum e sim um herege, provavelmente gentio. Por mais que Akiva não proíba o costume de curar enfermos sussurrando nomes secretos sobre uma ferida, contudo é permitido que seja praticado somente por um herege que não tenha vínculo com a comunidade de Israel. Confirma: (Schäfer, 2007, p. 53).

Portanto, pensar em *minim* como um grupo herege específico é deturpar o sentido semântico e abrangente que esta expressão possuiu nos três primeiros séculos da era cristã. É bem provável que o sentido de *minim*, além de trazer uma ideia principal de herege ou de alguém que segue uma seita, parece ser também um tipo de adágio depreciativo, ou uma maneira de caracterizar pessoas indesejadas, ou questões que envolviam “maus acontecimentos”. Veja como o Talmud babilônico descreve os *minim* na *Mishnáh*.

A-) os *minim* são chamados de informantes e descrentes, os quais negam a Torá e a ressurreição dos mortos. São eles que por conta própria se separam da congregação inspirando medo em seus companheiros. São eles que induzem seus irmãos a pecarem, assim como fez Jeroboão, filho de Nebate, com seus seguidores (Babylonian Talmud, 1901, p. 27).

Como já dito, se negam a ressurreição dos mortos, então é uma referência a outro grupo dentre os denominados hereges *minim*, questão que não se aplicava aos cristãos que acreditavam em uma alta cristologia e de outros movimentos cristãos que acreditavam na ressurreição de Jesus. Outra questão, se os *minim* “por conta própria se separam da congregação”, não foram expulsos e sim de modo voluntário abandonaram as sinagogas.

B-) “Os *minim* são hereges, por isso não são mencionados na Gemarah” (Babylonian Talmud, 1901, p. 63).

C-) a *Mishnáh* salienta que se alguém se abstém de ministrar na mesa de leitura com roupas coloridas, também deve ser proibido que ele ministre com roupas brancas. Se ele se recusar a ministrar com sandálias nos pés, não lhe será permitido ministrar nem mesmo descalço, pois possivelmente ele se tornará um herético (Babylonian Talmud, 1901, p. 67). Provavelmente um grupo de *minim* teve um modo específico de se vestir e costumes próprios, talvez com roupas chamativas e extravagantes.

D-) a *Mishnáh* coloca o *minim* como pessoas causadoras de males e problemas (Babylonian Talmud, 1901, p. 3).

E-) o *minim* é exemplificado por um filho que rejeita o conselho, ao ser uma sabedoria que se corrompeu (Babylonian Talmud, 1901, p. 10).

F-) os *minim* no século II, já eram um tipo de sistema religioso, pois o Talmud acrescenta o sufixo “ismo” com sentido depreciativo, para indicar um sistema de crenças dos *minim*, chamando-os de “minunismo”. Os *minim* são comparados a uma sanguessuga que tem duas filhas chorando, “dê, dê”, ou seja, um tipo de desprezo “minunismo” (Babylonian Talmud, 1901, p. 6).

G-) não era bom se envolver com um dos “*minim*”, pois eram pessoas ou uma coisa sem valor (Babylonian Talmud, 1901, p. 27).

H) no Talmud, uma parte dos “*minim*” também é seguidora de Jesus, é incluída juntamente com todos os que negam a lei oral. São chamados de idólatras, e ordena que idólatras doentes não sejam visitados, que se neguem o sustento de seus pobres e o enterro de seus mortos, mesmo em cemitérios judeus (Babylonian Talmud, 1901, p. 68). É provável que a carta a Tiago esteja envolvida nestas questões (Tg 2,2.5.6; 5,14.15).

Nas obras de Luciano de Samósata, questão também atestada por Schäfer (2007) afirma que os livros dos hereges *minim* são considerados livros mágicos, e judeus não devem negociar com hereges. Não deviam ensinar seus filhos um ofício, ou procurar a sua cura, nem muito menos aconselhar-se em questões da sua propriedade, mesmo que seja de bem-estar pessoal (Schäfer, 2007, p. 54).

Um exemplo citado foi o caso de Eleazar, que foi picado por uma cobra, e Jacob Sama veio curá-lo em nome de Jesus, que estranhamente não é o Jesus dos evangelhos, e sim um Jesus já citado há pouco, chamado Yeshu ben Pantera ou Jesus filho de Pantera. Acredita-se que esse Jesus seja um personagem fictício criado no século XV ou XVIII EC, porém alguns datam entre o ano 100–76 A.E.C., e se tratava de um Jesus antes de Cristo.

Conforme Luciano de Samósata (± 125-181 E.C.), em sua sátira, indiretamente faz uma crítica contra a ingenuidade dos cristãos, onde esses são semelhantes aos magos, por acreditarem que suas práticas encantadoras de feitiçarias são verdadeiras. Luciano salienta que o modo como essas pessoas configuravam a vida e a riqueza tinha até uma certa moral filosófica, porém considerava essa moral como uma farsa teatral com um certo sabor cristão, pois pensavam que na morte tudo se igualaria (Luciano Samósata, 1878, p. 8-9).

No *Tosefta*, está descrito que judeus rabínicos piedosos devem ficar longe de judeus cristãos *minim*, especificamente daqueles que são discípulos de Yeshu ben Pantera, isto porque um certo judeu chamado Jacob de Kfar Shamah pretendia demonstrar o poder de Jesus bem Pantera, realizando uma cura em seu nome. No *Tosefta* ainda se acrescenta que se em um sábado acontecesse um incêndio e as folhas de um pergaminho estivessem pegando fogo e se visualizasse na página escrito *minim*, este pergaminho não deveria ser salvo do incêndio, era melhor que se queimassem ele e seus nomes divinos. Corroborar Cohen (2014, p. 242, 247).

Na *Mishnáh*, o sábio Yshmael disse que, se necessário para trazer paz entre marido e mulher, o onipresente disse que a escrita sagrada em um pergaminho deveria ser raspada com água (Nm 5,23), ainda mais os pergaminhos de um *minim*, que trazem inimizade entre Israel e seu Pai do céu. Sejam apagados, eles e seus nomes divinos.

Esse grupo de heréticos era tão indesejado que os pergaminhos do *minim* não deveriam ser salvos de um deslizamento de terra, de uma inundação

ou de qualquer outra coisa que poderia destruí-los. Para Cohen (2014), a ânsia judaica contra os *minim* está no fato de que boa parte deles eram judeus cristãos, portanto, suas práticas contrárias as leis judaicas despertavam a ira divina contra o povo de Israel. Ainda que os pergaminhos de um *minim*, possuísem o nome sagrado de Deus, deveriam ser destruídos. O *Tosefta* condena duramente um *minim*, afirma que seu vinho é vinho de libações idólatras, e seus pergaminhos são escritos mágicos, seus filhos são “*mamzerim*”⁶ (Cohen, 2014, p. 243, 244).

Já foi proposto que a maldição objetivou condenar as práticas religiosas de qualquer seguimento que viesse colocar em risco os costumes da religião judaica. É certo de que esta maldição englobou realmente todos os movimentos sectários no judaísmo, porém com uma pitada específica contra a ala mais conservadora da alta cristologia cristã, ainda assim nada de específico contra cristãos.

Conclusão

O evento de Jâmnia, tradicionalmente associado à consolidação do judaísmo rabínico após a destruição do Templo de Jerusalém 70 E.C., permanece como um tema controverso na pesquisa histórico-crítica. A hipótese de que o “concílio” em Jâmnia teria estabelecido a *Birkat ha-Minim* como um mecanismo formal de expulsão dos cristãos das sinagogas tem sido cada vez mais questionada. A análise das fontes judaicas, como a *Mishnáh* e o Talmud, revela que o termo *minim* não se referia exclusivamente aos seguidores de Jesus, mas a uma ampla gama de grupos considerados heréticos, incluindo saduceus, essênios e outros dissidentes do judaísmo farisaico em formação.

A *Birkat ha-Minim*, inserida na liturgia sinagoga, provavelmente não foi uma inovação radical do final do século I, mas sim uma adaptação de tradições já existentes, reformuladas em um contexto de reafirmação identitária judaica. Embora alguns autores como Lohse (1975) e Davies (1979) defendam sua influência direta na marginalização dos cristãos, a maioria dos estudiosos contemporâneos, como Cohen (2014), Schäfer (2007) e Stanton (1992), argumentam que a separação entre judaísmo e cristianismo foi um processo complexo e gradual, não um decreto unilateral. Além disso, a ausência do termo “ἀποσυνάγωγος–expulso da sinagoga” em fontes judaicas sugere que a narrativa joanina (Jo 9,22; 12,42; 16,2) pode refletir mais uma tensão localizada do que uma política religiosa generalizada.

⁶ “*Mamzerim*”. Relacionadas a pessoas afastadas de Deus ou a filhos nascido de incesto.

A diversidade de grupos classificados como *minim* desde judeu-cristãos até gnósticos e outros dissidentes indica que a *Birkat ha-Minim* não tinha como alvo único os seguidores de Jesus. Além disso, a própria comunidade cristã do primeiro século não era monolítica, incluindo desde judeus observantes da Torá até gentios que rejeitavam práticas judaizantes. Essa pluralidade dificulta a ideia de uma “expulsão” uniforme, sugerindo, em vez disso, um afastamento progressivo motivado por divergências teológicas e sociais.

Portanto, embora Jâmnia tenha sido um marco na reorganização do judaísmo pós-destruição do Templo, sua associação direta com a perseguição aos cristãos carece de evidências conclusivas. A *Birkat ha-Minim* pode ter contribuído para um clima de exclusão, mas não foi o único fator determinante na separação entre os dois grupos religiosos. A comunidade primitiva, por sua vez, também desenvolveu sua própria identidade distinta, muitas vezes reinterpretando sua relação com o judaísmo de maneira polêmica, como visto nos escritos joaninos e nas controvérsias paulinas.

Em última análise, a narrativa de Jâmnia como um “ponto de ruptura” parece mais uma construção teológica posterior do que um evento histórico bem definido, reforçando a necessidade de uma abordagem crítica que considere a complexidade das relações entre judaísmo e cristianismo nos primeiros séculos.

Referências

AUNE, David E. *The Blackwell Companion to the New Testament*. Hoboken: Wiley-Blackwell, 2010.

BABYLONIAN TALMUD. RODKINSON, Michael L. (Org.). New York: New Talmud Publishing company, 1901. Volumen IV.

BISSELL, Thomas Carlisle. *Apóstoles: Historia y leyenda de los discípulos de Jesús*. Barcelona (España): Editorial Planeta, S. A., 2010.

RODRÍGUEZ CARMONA, Antonio. *La Religión Judía: Historia y teología*. Semina Verbi: Serie monográfica sobre las religiones no cristianas. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2001.

COHEN, Shaye J. D. *From the Maccabees to the Mishnah*. Third Edition. Louisville (Kentucky): John Knox Press, 2014.

DANBY, Herbert. *Tractate Sanhedrin, Mishnah and Tosefta: The Judicial Procedure of The Jews As Codified Towards The End Of The Second Century A.D. Translated From The Hebrew With Brief Annotations*. London: Society For Promoting Christian Knowledge New York: The Macmillan Company, 1919.

DAVIES, W. D. *Aproximación al Nuevo Testamento: guía para una lectura ilustrada y creyente*. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1979.

- DONALDSON, Terence L. *Jews and Anti-Judaism in the New Testament: Decision Points and Divergent Interpretations*. Baylor University Press: Waco (Texas), 2010.
- DORMEYER, Detlev; GALINDO, Florencio. *Comentario a los Hechos de los Apóstoles: Modelo de nueva Evangelización*. Estella (Navarra): Editorial Verbo Divino, 2007.
- DOOLE, J. A. To Be 'An Out-of-the-Synagoguer'. *Journal for the Study of the New Testament*, v. 43, n. 3, p. 389-410, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0142064X20973905>. Acesso em: 19 out. 2025.
- DUNN, James D. G. *Jews and Christians: The Parting of the Ways, A.D. 70 to 135*. Cambridge: Eerdmans Publishing Co, 1992.
- EHRMAN, Bart D. *The Orthodox Corruption of Scripture: The Effect of Early Christological Controversies on the Text of the New Testament*. New York (Oxford): Oxford University Press, 1993.
- EPORMUCENA, Cleverton Duarte. O judaísmo de Jâmnia: uma análise acerca da maldição contra os "minim". *Anais do IX Congresso da ANPTECRE: a religião na América Latina e Caribe: conceitos, relações e perspectivas: grupos de trabalho*. Campinas: PUC-Campinhas, 2023. p. 539-545.
- ETCHEVERRÍA, Ramón Trevijano. *La Biblia en el cristianismo antiguo: Prenicenos. Gnósticos. Apócrifos*. Estella (Navarra): Verbo Divino, 2001.
- FABRIS, Rinaldo; MAGGIONI, Bruno. *Os evangelhos II*. São Paulo: Loyola, 1992.
- FIGUERAS, Pau. *Introducción al Cristianismo Primitivo: Los primeros siglos del cristianismo*. Viladecavalls (Barcelona) España: Editorial Clie, 2016. (Colección Historia).
- GREEN, Michael. *La evangelización en la Iglesia Primitiva*. Eerdmans Publishing, Ca: Michigan, 1997.
- HALE, Broadus David. *Introdução ao estudo do Novo Testamento*. Rio de Janeiro: Editora Juerp, 1983.
- JULIUS, J; SCOTT Jr. *Origens Judaicas do Novo Testamento: um Estudo do Judaísmo Intertestamentário*. São Paulo: Shedd Publicações, 1995.
- KIEFFER, René. John. In: KIEFFER, René. *The Oxford Bible Commentary. The Gospels*. Oxford: University Press, 2001. p. 186-242.
- LOHSE, E. *Teología del Nuevo Testamento*. Ediciones Cristiandad, S.L: Madrid, 1975.
- LUCIANO, Samósata. *Ó La-Necromancia-Diálogo de Luciano*. Sevilha: Imprensa y libreria de los hijos de manteli, 1878.
- MAIMÓNIDES, Moshé ben. *Yad Hazakah – La Mishné Toráh. Volumen 1 (Sefer Ha-Mada)*. Buenos Aires: Moaj Editorial, 2015.
- MOLONEY, Francis J. *The Gospel of John*. Minnesota: A Michael Glazier Book published by Liturgical Press, 2005. (Sacra Pagina Series. Volume 4).
- NEUSNER, Jacob; CHILTON, Bruce D. *In Quest of the Historical Pharisees*. Waco (Texas): Baylor University Press, 2007.
- PARKES, James. *The Conflict of the Church and the Synagogue: A Study in The Origins of Antisemitism*. Philadelphia: The Jewish Publication Society of America, 1961.

- PENNA, Romano. *Ambiente Histórico-Cultural de Los Orígenes del Cristianismo — Textos y Comentarios*. Bologna: Editorial Desclee de Brouwer, 1991.
- RICHARD, Pablo. *Memoria del “movimiento histórico de Jesús”*: desde sus orígenes (años 30) hasta la crisis del sacro imperio romano cristiano (siglos iv y v). San José: Departamento Ecuménico de Investigaciones (DEI), 2009.
- ROPERO, Alfonso. *Mártires y Perseguidores Historia General de las Persecuciones (siglos I-X)*. Viladecavalls (Barcelona) España: Editorial Clie, 2010.
- ROSIK, Mariusz. *The Christian Question in Jamnia Academy at the End of the 1st Century AD?*. Verbum Domini Lumen Vitae, [S.l.], 12 jun. 2023. Disponível em: <https://mariuszrosik.pl/the-christian-question-in-jamnia-academy-at-the-end-of-the-1st-century-ad/>. Acesso em: 19 out. 2025.
- ROWLAND, Christopher. *The Open Heaven: A Study of Apocalyptic in Judaism and Early Christianity*. London: SPCK, 1982.
- RUBAUX, Francisco. Las raíces del Cuarto Evangelio. *Ribla — Revista de Interpretación Bíblica Latinoamericana*, Quito: Ecuador, n. 22, p. 58-70, 1996.
- SCHÄFER, Peter. *Jesus in the Talmud*. New Jersey: Published by Princenton University Press, 2007.
- STANTON, Graham N. *A gospel for a New People: Studies in Matthew*. Louisville: Westminster John Knox Press, 1992.
- THEISSEN, Gerd. *La redacción de los evangelios y la política eclesial*. Un enfoque socio-retórico. Estella (Navarra): Editorial Verbo Divino, 2002.
- VITÓRIO, Jaldemir. *Lendo o Evangelho segundo Mateus: o caminho do discipulado do reino*. São Paulo: Paulus, 2019.

Artigo submetido em 27.08.2025 e aprovado em 04.11.2025.

Cleverton Duarte Epormucena é doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Pesquisador autônomo. Orcid.org/0000-0001-5832-0435. E-mail: clevertonduarte@outlook.com

Endereço: Rua Dr. Álvaro Teixeira Pinto, 639 – Santa Cândida
82640-580 – Curitiba – PR

Editores: Franklin Alves Pereira e Márcia Eloí Rodrigues.

Disponibilidade de Dados:

Os conteúdos subjacentes ao texto da pesquisa estão contidos no artigo.